

# The New York Times e o Brasil

Alcides S. Arnarai.\*

**N**em mesmo as notícias referentes a supostas atividades não recomendadas do presidente Clinton impediram que o Brasil fosse manchete principal do prestigioso The New York Times na última quinta-feira: Matéria longa, bem elaborada, factualmente correta, mas com pouca novidade para o leitor brasileiro, pois a nossa mídia vem, corretamente, batendo telas semelhantes.

Como era de esperar, entretanto, a matéria teve grande repercussão não só perante os leitores do Tio Sam — especialmente os brasileiros que vivem lá —, mas também junto à mídia local. Todos ficaram sabendo daquele triste assassinato do professor de caratê, Edson Ribeiro Guigalves, 30 anos, cujos assassinos assassinos não foram ainda localizados, entre outros. Mais ou menos como aquela brasileira que foi assassinada fazendo "cooper" no Central Park, em Nova York.

A riqueza da matéria está, entretanto, na análise do preço que estamos pagando para proteger o real de ataques externos. As medidas tomadas para salvar a nossa moeda — altas taxas de juros, aperto monetário, redução da máquina pública, etc. — estão ma-

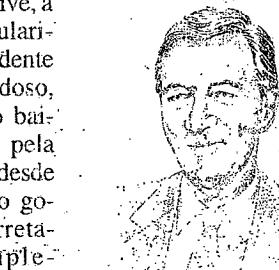
chucando especialmente as classes pobre e média. Os índices de desemprego aumentaram, o poder de compra foi limitado e os problemas sociais multiplicam-se. Cita, inclusive, a perda de popularidade do presidente Henrique Cardoso, cuja aceitação bateu dos 50% pela primeira vez desde que assumiu o governo. E, corretamente, complementa com afirmações do ministro

Pedro Malan, segundo o qual o povo está sofrendo, mas sofreria muito mais se o governo não fizesse o que vem fazendo para preservar o Plano Real.

Eis, pois, a questão. Estaria, então, o Brasil exagerando nas medidas que tomou para prote-

**Serão exageradas as medidas tomadas pelo Brasil para proteger o real?**

e deixar a



ger a moeda e, consequentemente, o Plano Real? Não seria o caso de simplesmente desvalorizar o câmbio em 15% — como querem alguns — e deixar a

economia correr?

Em primeiro lugar, o conceito de "desvalorização controlada" em época de crise é algo que já se comprovou não existir. O México tentou em 1994 desvalorizar o peso em 15% e todos viram no que deu. Na Ásia, recentemente,

o mesmo fenômeno ocorreu ou alguém acredita que alguns daqueles países asiáticos pretendem desvalorizar suas moedas em 40% ou 50%? Portanto, qualquer

mexida cambial nas circunstâncias atuais — os problemas asiáticos estão longe de ter chegado ao fim — deve ser efetuada tendo em mente tais riscos.

O governo brasileiro adotou corretamente, no nosso modo de entender, a decisão de ajustar nossa economia à nova realidade, com os custos sociais já mencionados e em ano eleitoral. Isso prova que o presidente Fernando Henrique Cardoso está preocupado em fazer o que deve ser feito, independentemente do calendário político. Este sim é um grande diferencial do Brasil, e não é por outra razão que nossa credibilidade melhorou no cenário internacional a ponto de as reservas internacionais terem aumentado em mais de US\$ 2 bilhões no mês de janeiro.

Não bastasse isso, tais medidas estão muito próximas ao receituário utilizado pelo Fundo Monetário Internacional junto a alguns países asiáticos. Só estamos livres do indispensável ajuste do mercado financeiro, pois, graças ao Proer, já o fizemos em 1997, restando apenas a solução defini-

tiva dos bancos estaduais. Por força dessa realidade dos nossos parceiros da Ásia, o presidente do Banco Mundial, sr. James Wolfensohn, em recente artigo ao jornal inglês Financial

Times, dizia das suas preocupações com relação aos problemas sociais na Ásia, sendo categórico: "O mais importante, na minha opinião, é a ne-

cessidade crítica de enfrentar a agenda social". E, segundo ele, o Banco Mundial estará envolvido em programas de suporte na forma de fundos rurais e urbanos, esquemas de seguro-desemprego e programas de apoio para educação e serviços em favor dos pobres. Portanto, tanto lá como cá os problemas se assemelham.

Isso significa dizer, entretanto, que está tudo às mil maravilhas por aqui, que o governo fez o que era esperado e que estamos livres de problemas futuros?

Longe disso. O que demonstramos foi a vontade política de fazer o que deve ser feito, com um pacote fiscal austero, andamento das reformas no Congresso e continuidade do programa de privatização. O efeito contágio ainda está pairando no ar — não é por outra razão que alguns ainda acreditam que o Brasil é a bola da vez — e um golpe vindo da Rússia ou China, por exemplo, seria difícil de ser absorvido sem novas

medidas. Mas, caso isso não aconteça e se os problemas da Ásia ficarem mais ou menos na dimensão atual, o Brasil possui grande chance de atravessar esse

terremoto de cabeça erguida. Temos a inflação sob controle, o câmbio desvalorizando-se 5% ao ano em termos reais e as contas públicas sob

controle diante do

que está acontecendo em Brasília. Poderemos ainda ser favorecidos pela queda das taxas de juros no mercado internacional — o que muito provavelmente acontecerá no segundo semestre —, o que fará com que a poupança externa, de que tanto necessitamos, venha ao nosso encontro.

Por último, mas não menos importante, essa matéria do The New York Times veio, mais uma vez, alertar-nos para os nossos problemas e como estamos sendo observados pela comunidade internacional. O Brasil hoje não é apenas importante para os brasileiros, pois qualquer desajuste local poderá levar a América Latina de roldão. E, como ninguém previu a quebra do México em 1994 e da Ásia em 1997, os olhos continuarão bem abertos em nossa direção.

\* Diretor vice-presidente do Citibank N.A. e diretor da Federação Brasileira de Bancos (Febraban).